

Suely Amaral Mello
Maria Carmen Silveira Barbosa
Ana Lúcia Goulart de Faria
organizadoras

DOCUMENTAÇÃO PEDAGÓGICA

teoria e prática

Uma das destacadas 3 funções da Documentação Pedagógica constitui material pedagógico para a reflexão sobre o processo educativo. Os documentos criados pelos professores e professoras e também com as crianças podem se constituir em matéria prima a ser compartilhada com os/as colegas, base para a discussão, ressignificação e avaliação de práticas.

“A documentação, assim proposta, expõe com transparência o que acontece entre as crianças, entre as crianças e as professoras/es, entre as professoras/es e a gestão, e entre esses/as atores/as com as famílias e a comunidade. A documentação transparente convida as famílias para participarem diferentemente da educação dos/as filhos/as. Assim temos um tripé que sustenta a política educativa para a pequena infância: família, professoras/es e crianças. Com o protagonismo das crianças, um projeto com foco nas meninas e nos meninos” (pág.11).



Documentar processos, recolher sinais

Mara Davoli

As professoras são como exploradores que utilizam compassos e mapas. E, como os navegadores, sabem onde está a meta (os objetivos, o currículo). Sabem quais são as metas, mas sabem também que as metas mudam a cada ano porque o terreno, o clima, as estações, as meninas e os meninos são diferentes. Os destinos, os objetivos, são importantes e não podemos perdê-los de vista, mas o mais importante é saber como e por que atingir esses objetivos. É importante para as crianças e adultos voltar a percorrer seus próprios passos, seus processos de conhecimento por meio de uma atitude que é possível graças à observação, à documentação e à interpretação (Loris Malaguzzi).

Nas escolas infantis de 0 a 3 e de 3 a 6 anos de Reggio, a documentação é tanto argumentação como narração e explicação de processos, situações e experiências. Observar, documentar e interpretar têm nos ajudado a repensar a didática: uma didática compartilhada e da qual participam os adultos e as crianças ao mesmo tempo. Porque a documentação, independentemente do meio utilizado, acontece durante o processo e não no fim da experiência. Esse processo de deixar e recolher rastros reúne, em

primeiro lugar, os adultos, mas também os pequenos. Obviamente, de formas diferentes, mas todas elas com rastros e instrumentos que nos ajudam a percorrer de novo a experiência vivida. Não são apenas memória de algo que já aconteceu, são também processos que nos permitem compreender como fizemos o que fizemos.

Observar, interpretar, documentar, construir

Observar é um ato de conhecimento

"Observar" significa acima de tudo "conhecer". Mas não se trata de um conhecimento abstrato, trata-se de uma emoção do conhecimento que contém toda a nossa subjetividade, expectativas, aquilo que esperamos que aconteça, nossas hipóteses e nossas teorias de referência, nas quais nós também estamos refletidos. Toda observação que fazemos, precisamos estar cientes, não é a verdade do que aconteceu: toda observação é parcial porque o que sabemos ver, capturar, fotografar, etc. depende do nosso ponto de vista subjetivo, do que nós esperamos dos meninos e das meninas, de se esperamos muito ou pouco. Depende também das perguntas que nos fazemos frente a cada situação. Quando nos dispomos a fazer algo, não vamos "despidos", mas temos algumas perguntas que nos levam a refletir sobre nossos imaginários. Questões que não são uma jaula, mas um terreno fértil que nos ajuda a captar o inesperado.

Tal como acontece na investigação científica, quanto mais hipóteses tenhamos sobre uma determinada situação, mais capacitados estaremos para compreendê-la. Quantas vezes, em determinadas experiências científicas, chegou-se a resultados distintos dos previstos. Portanto, «observar» é um verbo ativo, um ato criativo que requer nossa interpretação. Por este motivo, observar implica repensar, pensar sem pré-conceitos.

Documentar para narrar, descrever, interpretar e construir

Quando documentamos uma experiência, recolhemos um grande volume de materiais, notas, fotografias, gravações ... "quilos" de material. O que fazemos com tudo isso? O risco maior é que esses documentos permaneçam silenciosos devido a sua grande quantidade. Quando finalmente temos compilado todo o material, devemos dedicar tempo para interligá-los (linguagem oral, as fotografias, as produções das crianças...). Em seguida, temos que buscar interpretá-los, relacionar a teoria com a prática, construir conhecimentos novos, etc. Sobre o que interpretamos, podemos ir além e tentar um avanço teórico, fazer uma descoberta, por exemplo, sobre a aprendizagem e o desenvolvimento da linguagem falada, ou da linguagem escrita, que se refira tanto a um grupo específico de crianças, como à teoria da aprendizagem e à construção do conhecimento.

Quanto aos projetos, por exemplo, muitas vezes se pode explicar como histórias dentro da própria narração da experiência. Esta narração contém significados teóricos tais como a forma como planejamos, como foi a relação com os pequenos, etc.; mas também poderíamos tomar esses mesmos materiais, juntamente com o material de base, ou seja, o material que serviu de base para essas narrações (gravações, fotografias ...) para estudá-los e aprofundar além da experiência concreta. Por exemplo, qual é hoje o conceito de transformação e variação para os meninos e meninas de cinco anos? Conseguem conceituar? Como o fazem? Que significados dão à palavra "transformar"? Havia uma frase de uma criança que expressava claramente o que ela entendia por "transformar". Para ela, "transformar" era "não fazer totalmente diferente, mas manter um pouco de igual e sobre aquele igual por um pouco de diferente". Isso é uma teoria, um pensamento concreto. Mas, como professora, posso estar interessada em ver como conceitos como transformação e variação são vividos por crianças em diferentes contextos e com linguagens diversas. Posso pensar em atividades nas quais a variação (por exemplo, da linguagem musical, da cor, da palavra ...) seja a base para construir a experiência. Música, palavra e cor são diferentes, mas o conceito de variação pode dar forma a atividades semelhantes com linguagens diferentes. O que eu quero dizer resumidamente, é: que tipo de processo ativo em crianças e adultos esta forma de trabalhar? Que tipo

de processo ativo processos que podem ajudar a lidar com situações desconhecidas? Pois, se eu experimentalmente a variação com a cor, por exemplo, o que eu aprendi me ajuda a entender a variação na linguagem musical. Esta forma de trabalhar com meninos e meninas deve nos ajudar a construir com eles uma maneira de pensar que os ajude a aprender a aprender: não se trata de enfatizar os conceitos, mas os processos de aprendizagem. Os nossos meninos e meninas vivem em um mundo em que as mudanças da sociedade, da cultura e da tecnologia estão ficando mais rápidas. Portanto, devemos ter uma mente flexível para nos ajudar a aprender a aprender coisas novas.

Observação, documentação e interpretação constituem três partes inseparáveis de um mesmo processo. Os documentos que produzimos nos ajudam a continuar a aprender todos os dias a nossa profissão, porque todos a cada dia temos que reaprender. Servir-nos da observação, da documentação e da interpretação nos ajuda, e chega mesmo a ser indispensável. Esses documentos que procuramos produzir convertem-se em documentos úteis tanto para valorar as experiências como para nos autovalorar. Também são instrumentos que nos dão apoio no processo de nos tornarmos profissionais individuais e de grupo. Outra coisa fundamental que diz respeito às crianças e aos adultos sem distinção é viver, fazer, experimentar - que, apesar de ser importante, não é suficiente. O ativismo é um risco que corremos com as crianças (fazer muitas produções, fazer muitas coisas ...). Fazer é importante,

mas não suficiente. Devemos permitir aos meninos e às meninas, e a nós mesmos, tempo para refletir sobre o que se faz e como se faz. São os processos de metalinguagem e metacognição que nos permitem construir conhecimento. Quanto mais situações são criadas para refletir em grupo, mais rico será esse processo, pois mais pontos de vista se manifestam. Em um grupo há sempre que ter alguém que questiona o que a maioria opina ou que leva todo o grupo a pensar o porquê das coisas.

Decisões prévias ao processo de documentação

O que, como e para que documentar?

Para documentar, a primeira coisa que, em minha opinião, devemos perguntar é: Que tipo de documentação queremos? Por que? E para quem? Estas são questões que temos que nos fazer antes de começar, pois o que decidimos observar está ligado à utilidade que queremos extrair de uma documentação concreta e também ao como o faremos (qual será o instrumento ou instrumentos mais adequados).

A outra coisa de que temos de nos convencer rapidamente é que temos de ser capazes de escolher. Escolher é muito difícil, porque, trabalhando com crianças pequenas, tudo nos parece igualmente importante, e é; no entanto, se queremos avançar em nossos pensamentos e em nossa maneira de ensinar, temos que "de limitar", destacar algumas coisas.

Escolher não significa perder de vista o contexto, mas focar algumas coisas específicas.

Uma vez concentrada nossa atenção, tendo escolhido o que nos interessa, devemos decidir como documentaremos o que vai acontecendo. Desde como abordar o aspecto principal até que ferramentas e suportes usaremos para documentá-lo. Por exemplo, algumas vezes é mais útil usar papel e lápis; outras, um gravador (a linguagem verbal é muito importante) e, muitas vezes, a câmera digital é de grande utilidade para reter imagens de um processo. No entanto, é preciso lembrar que a facilidade de uso dos novos meios implica no risco de utilizarmos apenas esses sistemas. Por outro lado, fotografar também é interpretar e escolher e, para isso, devemos estar cientes de que o que registramos não é a verdadeira realidade, ou, pelo menos, não toda a realidade.

Que instrumentos?

No que diz respeito à forma dos instrumentos para observar e registrar, não há um melhor do que o resto. O que é claro é que deve ser útil. Por exemplo, como tenho facilidade de fazer esboços, o que eu registrava em um grupo de crianças eram alguns passos fundamentais, de acordo com minha experiência, que as crianças seguiam para fazer uma determinada produção, as trocas de conhecimento que se produziam entre elas. Para dar um exemplo: geralmente, na Escola, a cópia é malvista, mas quando, digamos, estou fazendo uma figura e não consigo que

esta fique como eu gostaria e vejo que meu amigo encontrou uma solução para isso, se eu estiver preparada para captar o processo, posso aplicar a cópia à minha situação. É o que Vygotsky chama "zona de desenvolvimento próximo". No entanto, se eu não estou preparada, nem sequer vejo a solução ou sou capaz de usá-la. Esta forma de observar e registrar o processo de cada criança nos permite ver essas coisas e estar perto de cada uma delas. Assim, ao final de cada atividade, eu tenho vinte e seis produções diferentes, e sei como cada um dos meninos e das meninas conseguiu dar forma a seus pensamentos com as mãos. Estas compilações individuais não ficam apenas nas histórias pessoais de cada criança, mas se tornam um patrimônio coletivo, são como blocos que constroem a experiência conjunta da escola.

Refletir sobre como foram feitas algumas coisas é necessário tanto para os meninos e meninas como para os adultos. Dessa forma, podemos aprender com eles para fazer o nosso trabalho, e eles aprendem a aprender conosco.

Outra questão é decidir que tipo de instrumentos escolhemos para documentar cada situação com um grupo concreto de meninos e meninas em nossa escola: a cotidianidade, a subjetividade, os projetos ... pois, será o conjunto de instrumentos de documentação que dará uma perspectiva do conjunto de toda a experiência de meninos e meninas na escola; não devemos tentar colocá-la toda em um só instrumento.

Que recursos?

Em relação aos suportes da documentação, as paredes das escolas de educação infantil declaram quem são os protagonistas da experiência. Nossa tarefa se realiza tanto por meio de episódios simples como por projetos que se estendem ao longo do tempo. Assim, temos as folhas onde registramos as observações subjetivas relativas a cada criança e que compoirão depois seus dossiês individuais, as transcrições, a documentação da parede ou as documentações projetadas em páginas que se sucedem como em um livro; isto é, o material bruto. Nestas últimas, cada página recebe, como se fosse o capítulo de um livro, um título que funciona como síntese ou resumo do que encontramos nas linhas que se seguem.

No entanto, para funcionar bem, são necessários espaços onde se possa reunir, onde ter os instrumentos e onde, de vez em quando, se possa fechar a porta e escrever, pensar sozinho ou com companheiros onde ter os arquivos de fotos, de material digital e em papel.

Os suportes (murais, expositores, prateleiras, dossiês ...) existentes na escola também são importantes. Às vezes, os grandes painéis de madeira da escola se transformam em lousas em que, à medida que o projeto ou a experiência cresce, vamos anotando os fatos que vão acontecendo. Isso nos ajuda a tornar visível esta primeira síntese, envolvendo também

crianças e famílias que vão enriquecendo a experiência ao longo do processo.

No entanto, nossa vida com os meninos e meninas não é feita apenas de projetos longos, mas também de cotidianidade. Uma cotidianidade rica, feita de situações de grande potencial educativo. De toda essa riqueza da vida cotidiana, o que conseguimos ver da rede complexa de relações e de coisas que acontecem? O que poderia nos ajudar a vê-la melhor? E cada experiência requer uma maneira diferente de ser tratada, coletada e documentada.

A documentação, instrumento de estudo e de comunicação

Outro aspecto da documentação é a comunicação. Uma pergunta fundamental que deve ser feita antes de decidir o instrumento que usaremos, ou o suporte mais adequado capaz de captar o processo, é: a quem eu quero comunicar? Suponhamos que o assunto escolhido seja o momento da refeição e como o vivemos. Quero mostrar às famílias, porque interessa falar sobre como se come em casa e como se come na comunidade. Se este for o objetivo, o que opto por observar implica um determinado meio. Se, por outro lado, se trata de um pequeno grupo de trabalho formado por professores, será útil um vídeo de estudo que pode ser gravado em tempo real durante a duração da experiência de alimentação. No entanto, mesmo com uma gravação, se não se esclarece anteriormente o que se quer ver, em que se está

interessado, o debate será limitado e disperso. Se queremos que um vídeo seja útil para fazer uma análise e interpretação de um momento específico dentro do grupo – nesse caso, o momento da comida –, temos que decidir com antecedência que aspectos queremos investigar.

Devemos considerar que o vídeo é uma linguagem que tem que falar de forma autônoma como um filme ou um anúncio e que, portanto, sua montagem se torna um tipo de escrita que dá sentido ao que vemos. Ainda que ninguém de nós seja técnico no assunto, somos especialistas em crianças e não em vídeos, temos de estar cientes de que o tempo de duração de um vídeo é parte importante desta linguagem.

Dito isto, voltemos ao exemplo da hora da refeição. A comida é uma rotina, comemos todos os dias. A própria decisão de querer entender mais plenamente o significado de um momento rotineiro é importante porque permite sair da “jaula” das atividades repetitivas de todos os dias. Decidir que queremos documentar a hora da refeição quer dizer tudo e não diz nada. Esse momento não é uma linha reta e horizontal, mas é composto de muitas coisas que acontecem simultaneamente e se as narramos todas iguais, as mantemos todas no mesmo plano. Aqui haveria uma primeira eleição, e é difícil escolher; também a respeito do que se quer dizer. Na verdade, eu me lembro que meus colegas mais jovens me diziam: “Como tudo é igualmente importante, quase não consigo ver nada”.

Uma vez definido o contexto amplo do estudo, possivelmente por meio da discussão em grupo, podemos escolher um aspecto significativo ou um momento concreto sobre o qual queiramos nos aprofundar, sem perder de vista o contexto.

A comunicação com as famílias é um dos aspectos da documentação que vai além dos projetos e da cotidianidade. Se dedicarmos todo o tempo para gerir essa comunicação com foco na elaboração de alguns instrumentos (cadernetas diárias, álbuns ...), nos faltará tempo para aprofundar nos significados e aprender a fazer melhor o nosso trabalho. O problema é pretender dar muitas coisas às famílias sem priorizar a qualidade sobre a quantidade. Depois de um tempo, as famílias preferirão menos materiais, mas melhor organizados em lugar de muitos materiais desconexos.

Tanto as escolas de 0 a 3 como as de 3 a 6 têm, como as pessoas, identidade própria. Por isso, a entrada é o lugar que proclama a identidade de cada escola e, portanto, é um espaço que deve dar visibilidade a todas as pessoas que aí convivem, desde os menores (por meio da síntese de algum projeto do ano anterior) até a equipe da escola. Em minha escola, um calendário mensal informa a todos o que se espera fazer durante o mês, também há painéis e espaços dedicados às famílias e à participação. É uma entrada que procura refletir, por meio da documentação, os traços globais do que é a escola.

Cada turma, por exemplo, tem sua própria entrada, na qual se pendura a agenda diária, uma documentação que é arquivada e que as professoras

fazem todos os dias. Trata-se, sem dúvida, de que cada um aponte o como e o porquê dos instrumentos que prioriza. Por exemplo, no que diz respeito à agenda diária, para além da forma, que tipo de estrutura podemos pensar para este instrumento tão presente na vida cotidiana? Podemos pensar na agenda diária como um instrumento que fazemos sempre da mesma forma, independentemente da idade dos pequenos? Todos os meninos e meninas tem que aparecer todos os dias? Podemos pensar em fazer a agenda na semana e ir todos os dias marcando um acontecimento, uma história em que só aparecem alguns dos pequenos? A agenda ou caderno de cada grupo, além de ser um instrumento de comunicação diária com famílias, também pode ser entendida como uma forma de escrever a história de um grupo de crianças ou como um instrumento de escrita diária do processo vivido diário do processo vivido. Na minha escola, a agenda ou diário do grupo se tornaram uma espécie de fio condutor que perpassa o primeiro, segundo e terceiro ano dos meninos e meninas. A agenda fica na escola e as crianças levam para a casa durante o ano, ora uma criança, ora outra. Assim, podemos olhar para trás no tempo, para episódios passados. Também é útil para as professoras responsáveis por um grupo de meninos e meninas de três anos ler o que suas companheiras professoras fizeram no ano anterior com crianças da mesma idade.

Outra coisa interessante é manter um registro ou notas das reuniões com as famílias com nossas contribuições, e também com as contribuições das

famílias. Esse instrumento se utiliza também durante os três anos em que os meninos e meninas estão na escola.

Documentar para dar visibilidade aos processos

Em Reggio, não temos fichas de avaliação subjetiva, mas temos muitos instrumentos de documentação para fazer um retrato de cada criança, mesmo que seja parcial e relativo, uma vez que o retrato que podemos fazer sempre será relativo às experiências da criança em um contexto humano e material específico, neste caso, a escola.

E o que acontece com as produções dos meninos e das meninas? Vão para casa sempre imediatamente? Pode ser um material que nos ajude no processo de reflexão? Que equilíbrio temos que construir entre os instrumentos, dossiês e registros subjetivos e individuais e os de grupo? De qualquer forma, cada um sempre mantém, como pano de fundo, a presença do grupo. Algumas produções vão para casa uma vez por ano (às vezes são presentes para momentos específicos) e outras são mantidas na escola durante os três anos, sempre disponíveis nas prateleiras para crianças e famílias. Meninos e meninas gostam muito de ver o que faziam quando eram menores, o que, além do prazer de se verem mais velhos, pode dar origem à reflexão.

Por exemplo, eu me lembro que minhas companheiras e eu, olhando alguns materiais recolhidos, havíamos tentado fazer algumas perguntas

sobre as garatujas (como é que as crianças fazem tantas garatujas? Por que apoiamos isso? O que a criança tenta capturar com a garatuja?). Depois, fizemos as mesmas perguntas aos maiores, de cinco anos: Por que vocês passaram tanto tempo fazendo garatujas aos três anos? Para que serviram? Querem tentar fazer algumas garatujas agora e dizer como se sentem?

Aqui estão algumas de suas respostas à questão "O que são as garatujas":

- "É o primeiro desenho que você pode aprender"
- "A garatuja são as primeiras palavras do desenho" (Quer dizer que se há palavras, há uma história e um pensamento).
- "É um anel"
- "A primeira coisa é aprender a fazer círculos."
- "A garatuja é ar em círculo."
- "Dentro da garatuja pode acontecer erros, dentro dos erros pode ter coisas bonitas "
- "Dentro das garatujas pode haver muitas histórias."

Certamente, os meninos e meninas, tanto na escola de 0 a 3 como na escola de 3 a 6, contam o mundo inteiro dentro de um desenho. E realmente, o mundo está nesses desenhos.

Em suma, não há uma única forma de documentar, não há receitas. Para avançar, é necessário que seja a própria pessoa que organize a maneira de comunicar a própria experiência, é necessário fazer uma síntese e declarar: "Isso é o que eu entendi, coletei, interpretei e escolhi". Por isso, a

mesma situação, comunicada por quatro pessoas diferentes, serão quatro experiências diferentes. Sintetizar e comunicar nos ajuda a aprender o nosso trabalho. Pessoalmente, tenho tido a sorte de ter ao meu lado alguém tão "implacável", como Loris Malaguzzi, que, quando lhe mostrávamos uma documentação, dizia-nos que tendíamos a nos embebedar de palavras e nos desafiava a buscar respostas sobre os possíveis significados de cada coisa.